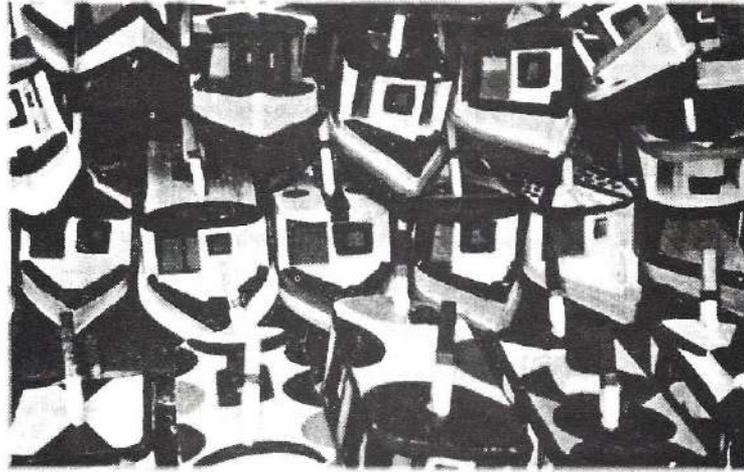


APRESENTAÇÃO



O Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Educação da Universidade da Amazônia tem atuado com o objetivo de fazer valer seu “compromisso com o *homem todo* e com todos desta região” onde ele atua. Para tanto, desenvolve ações como o Fórum Paraense de Letras e a publicação da revista *Asas da Palavra*, que já se tornaram referências entre os que militam na área de Letras e reúnem cabeças pensantes de várias IES do Brasil e do exterior.

Este número da revista *Asas da Palavra* demonstra, portanto, esse nosso compromisso, agrupando aqui parte significativa dos textos que compuseram os simpósios de estudo que reuniram em Belém, na preamar cultural que antecede ao Círio de Nazaré, em outubro de 2004, o X Fórum Paraense de Letras, o qual abordou o tema “Rio abaixo, rio acima memória, cultura e identidades”. Encontro que constituiu uma sagração às forças aquáticas amazônicas.

Esta revista descortina-se diante de nossos olhos, feito painel de densas folhagens, com o texto “Memória das águas”, de Jerusa Pires Ferreira (ela que é das grandes autoridades brasileiras quando se trata de Paul Zumthor, de quem é tradutora) que, com sua reconhecida excelência, nos (in)forma, a partir de referências literárias e fílmicas, que na Amazônia “a água é o bordão da memória”. Sabor e saber, desculpem-nos a não original apropriação de Barthes, é feliz associação sensorial que o leitor perceberá ao ler Jerusa.

Josebel Akel Fares, autora do segundo ensaio, articula teorias e põe em cena exploradores e viajantes das imensidões da Amazônia para discorrer sobre as cosmogonias aquáticas da região. Este estudo abre-alas para uma série três de ensaios sobre Dalcídio Jurandir – DJ – (embora o autor de *Marajó* não seja o foco principal deste número da revista) e constitui um fragmento da tese “Cartografias marajoaras: cultura, oralidade, comunicação”, defendida pela professora na PUC-SP.

Conforme sinaliza o título do artigo – Amazônia, verbo transitivo e aquonarrativas –, Paulo Nunes, neste ensaio, debruça-se sobre o elemental água e sua relevância no cotidiano e na literatura do homem amazônico. Para justificar sua *aquonarrativa*, o ensaísta mergulha na obra de três escritores: Benedicto Monteiro, Ildefonso Guimarães e Dalcídio Jurandir. Monteiro é o autor de *A terceira margem*, protagonizado por Miguel dos Santos Prazeres, que acaba imerso “numa outra margem”; Ildefonso Guimarães, no conto “O rio”, apresenta personagens que são vítimas da vilania da águas. Por fim, Paulo traz à cena aquática o romancista Dalcídio Jurandir, cuja obra é colocada em contraponto com a de Graciliano Ramos que, em *Vidas Secas*, constrói o que o ensaísta chama de *sedenarrativa*.

Josse Fares, por conseguinte, empreende um estudo sobre os processos que sustentam os romances de Milton Hatoum e “suas miragens árabes”, margeadas pelo rio Negro. A professora, também ela descendente de libaneses, destaca os romances do escritor manauara: “narrativas tecidas pelo verbo”, assomadas a outras, construídas pelas imagens das fotografias que perpassam o texto romanesco. Josse, a fim de discutir o complexo processo de hibridação cultural do Brasil (especialmente no extremo norte) instrumentaliza sua leitura com teóricos como Homi Bhaba, Lezama Lima, Néstor G. Cancini e Adélia Bezerra de Menezes.

Marli Furtado, por sua vez, mergulha no universo feminino do autor do “Ciclo do Extremo Norte”. Ela discorre sobre as matrizes femininas em DJ, e faz desfilar Irene, Felícia, D.^a Amélia, Andreza e Luciana. A estudiosa, um dos nomes de destaque dos novos estudos dalcidianos, se ocupa em explicitar os andaimes míticos e/ou psicanalíticos de que Dalcídio lança mão para construir seu sólido edifício no moderno romance brasileiro.

Ernani Chaves, sempre cioso, em seu “Rio-mar: imagens de Soure em *Marajó*”, parte de uma curiosidade pessoal para averiguar como se “articulam estados psicológicos de ‘Missunga’ [e] a representação da cidade” de Soure, onde o ensaísta nasceu. Freud e seu “Luto e melancolia” dá o tom deste ensaio emocionado, lúcido e elucidativo do filósofo paraense.

A partir da narrativa de Arihera, “matriarca de uma das mais importantes famílias Suruí”, Ivânia Neves empreende uma incursão no universo mítico da Amazônia, levando em consideração os elementais água, fogo e ar e suas aproximações com os mitos pagão (clássico) e cristão, em seus desdobramentos entre a cosmogonia e a escatologia. Assim, em seu artigo “Outra face da lua, outra face do sol: olhares Suruí”, Ivânia, ao trazer à tona o esforço humano para compreender os mistérios da vida e da morte, deixa patente a universalidade do mito, uma vez que, independente do tempo e do espaço, o homem movimenta-se pelas veredas que desembocam numa trilha comum porque universal.

José Guilherme Fernandes, em “Cultura popular e cultura espa(ta)cular”, lança mão de teóricos com Jacques Lacan, Walter Benjamin e Alfredo Bosi para discutir as complexas relações de poder que perpassam as culturas popular, de massa e artística. O professor, como não poderia deixar de ser, ilustra seus argumentos com uma manifestação popular amazônica: o boi Tinga, de São Caetano de Odívelas, município do interior do Pará. Sem intenção de fazer-se conclusivo, Fernandes, ao investigar a recepção de nossas manifestações culturais, pretende contribuir para a avaliação dos resultados das diversas modalidades de cultura na contemporaneidade.

Em “Alma da gente das brenhas: o verbo dos missionários”, Lúcia Tupiassú propõe-se a estudar a “identidade do discurso poético paraense ou a identidade da literatura paraense. A fim de alcançar seu objetivo, a pesquisadora volta-se para os primórdios da produção literária da Amazônia, que coincide com a chegada de colonos e missionários, movidos, basicamente, por dois intentos: a extração de riquezas e a catequese dos nativos. O etnocentrismo dos missionários carrega em si o desrespeito às questões da alteridade. Segundo a ensaísta, a consequência desse desrespeito em relação ao aborígene resvala no exotismo que, não necessariamente

te, é total e irrestrito na literatura paraense. O poema “Ver-o-Peso” é citado como exemplo da uma literatura que dá ênfase ao universal.

O ensaio de Marcus Vinnicius Leite – “Identidades, fronteiras e relações de poder na Amazônia colonial paraense” – tem por objetivo “abrir um debate sobre o processo de construção das identidades da região amazônica a partir da sua formação colonial”. Com esse intento, Marcus percorre a trilha das crônicas coloniais de viajantes e missionários que aportaram no Pará. As crônicas são, portanto, os subsídios de que lança mão o ensaísta para interpretar o “curso da constituição daquilo que chama(mos) de *paraensidade*”.

Fascinante é o ensaio de Luiz Tadeu Costa, que se une a outros estudos com o objetivo de “desvelar esse pedaço da Amazônia à civilização”. Luiz Tadeu analisa as representações visuais da “Belém de Paris”, a instauração utópica da modernidade na capital do Pará, entre os fins do séc. XIX e início do XX. As imagens de fotógrafos e pintores põem em cena as políticas que culminaram com a ação do intendente Antônio Lemos e estende-se até a derrocada da *belle-époque*. Trata-se de um ensaio detalhado e elucidativo.

A *Asas da palavra* n.º 18, exemplarmente ilustrada com o artesanato dos barquinhos de miriti, encerra com um artigo do professor e jornalista José Arthur Bogéa, um dos mais significativos pesquisadores da Amazônia paraense. “2004: 2 x Bruno” é um texto-homenagem, em que Arthur Bogéa plina sobre a literatura do “poeta da lua”, figura essencial ao Modernismo em terras amazônicas. Em rápidas pinceladas, Bogéa dá-nos notícia de *Maria Dagmar*, *Calunga*, *Bailado Lunar*, *Crucifixo*, entre outros livros do poeta de *Batuque*. Trata-se de um trabalho fundamental para os que se desejam iniciar na literatura de Bento Bruno de Menezes Costa.

Que ao leitor fique a certeza de que este exemplar de *Asas da palavra* é mais uma ponte de diálogo que se instala para palmilhar a complexa e intrincada rede que é a cultura brasileira do extremo norte. A textual cortina de folhas verdes descerra-se. Descerra. Será?

Josse Fares e Paulo Nunes